

## UMA REFLEXAO PSICOLINGÜÍSTICA

Otilia Arns  
Universidade Federal do Paraná

### RESUMO

O comportamento lingüístico dos seres humanos está sendo estudado, nas últimas décadas, por cientistas interdisciplinares.

O enfoque dos mesmos visa a psicologia da percepção e a psicologia da comunicação.

Cada cientista explora sua área do saber. Cabe, no entanto, às ciências lingüísticas explorar todos os aspectos do fenômeno da língua como língua e o papel que ela exerce sobre o homem.

Neste trabalho a autora evoca uma reflexão psicolinguística sobre o desenvolvimento da língua no ser humano, seu funcionamento e uso, sob os prismas seguintes:

1. A língua — uma propriedade do ser humano
2. A língua — um instrumento da comunicação
3. A língua — um fenômeno social
4. A língua — o status lingüístico social

Conclui pretender suscitar uma reflexão sobre o fenômeno psico-social da língua, centrado no mistério de o ser humano, e só ele, ser dotado do instrumento da fala sobre o qual ele dispõe para o bem, ou para o mal.

O homem não é sempre, nem apenas a vítima de sua língua. Quem cria a língua, participa da criação do nosso mundo.<sup>1</sup>

Nas últimas décadas grande importância está sendo dada à psicologia da linguagem considerada a maior descoberta do homem.<sup>2</sup> Esse interesse se volta para o comportamento lingüístico dos seres humanos. Físicos, psicólogos, antropó-

<sup>1</sup> HOERMANN, H. *Psycholinguistics*. New York, Springer, 1971, p. 328.

<sup>2</sup> HOERMANN, p. 328.

logos, filósofos e lingüistas estudam hoje, intensivamente, a psicologia da percepção e a psicologia da comunicação.

Não existe mais aquele hiato que separava as ciências das artes. O fisiologista, por exemplo, pesquisa as atividades da língua para tratar das desordens do cérebro que afetam a língua. O terapista se preocupa com os órgãos vocais para curar os defeitos da fala. O engenheiro da comunicação prende seu interesse para melhorar a transmissão da mensagem. Nenhum deles, no entanto, se preocupa com todos os aspectos do fenômeno da língua como língua, nem do papel que ela exerce sobre as vidas humanas. Investigar e observar a língua, descobrir como se desenvolve e funciona é tarefa das ciências lingüísticas.

A língua é uma forma de atividade dos seres humanos na sociedade. É importante ressaltar que não queremos nos referir, aqui, ao objeto da lingüística pura, como sistema que forma a base para todas as manifestações particulares que, na terminologia de Bühler e Kainz, se chama de *sprachgebilde*.<sup>3</sup> Procuramos, neste trabalho, evocar uma reflexão psicolinguística sobre o desenvolvimento da língua no ser humano, seu funcionamento e uso sob os prismas que adiante focalizamos.

## 1 A língua — uma propriedade do ser humano.

A propriedade de possuir a língua é o que nos distingue do animal. Nossa capacidade de sermos verdadeiramente humanos está implícita na língua.<sup>4</sup>

Essas afirmativas levaram Hans Hörmann a levantar alguns questionamentos como: Foi o inventor da língua já humano antes da sua invenção? Que espécie de situação tornou tal invenção possível e necessária? Pode ela ser estudada filogeneticamente pela comparação do homem com o animal? Ou ontogeneticamente traçando o desenvolvimento da língua desde a infância pré-lingüística até a primeira infância?<sup>5</sup>

3 HOERMANN, p. 16.

4 HOERMANN, p. 1.

5 HOERMANN, p. 1.

É difícil encontrar os princípios da causalidade. Há, segundo Lenneberg, uma definida constelação de peculiaridades que respondem pela presença da língua no homem e somente no homem.<sup>6</sup> Isso significa que o comportamento lingüístico se correlaciona com grande número de desenvolvimentos morfológicos e funcionais. O princípio e a seqüência do desenvolvimento lingüístico na criança constituem um processo tão extraordinariamente regular que mesmo em deficientes, como cegos e surdos, a língua é possível.<sup>7</sup> Ela não é, porém, possível em seres não humanos. A capacidade de adquirir e usar uma língua humana, diz Lenneberg, não depende da inteligência do organismo ou do tamanho de seu cérebro, mas do fato de ser ele um organismo humano,<sup>8</sup> pois a língua tem sua origem na esfera indeterminada entre os impulsos espontâneos do indivíduo e de seu espaço vital.<sup>9</sup>

O organismo humano já no início de sua vida manifesta um comportamento, uma percepção, que para os behavioristas explica a seqüência do estímulo e resposta, evidência parcialmente aceita pelos psicolinguistas.

Para Aristóteles, a língua é um *organon*, um instrumento que serve a pessoa e seu mundo ambiente como um meio de expressão dentro de seu próprio ambiente.<sup>10</sup> Para Hans Hörmann, a percepção liga a pessoa com a realidade objetiva, a fala liga o homem com outras espécies de realidades: o homem está cercado pelo mundo social, da comunidade de sua fala.<sup>11</sup>

O físico impõe limitações à percepção e concepção do homem. Para R. W. Bridgeman “nós atiramos o mundo na moldura de nossas percepções.” Nós homens percebemos o mundo em termos de espaço e tempo. O mundo que eu constroço é semelhante ao mundo que você constrói. Esse fato evidencia a semelhança de nossos sistemas nervosos. Existe, no entanto, uma diferença na percepção que é casual e reside na experiência vivida desde a infância e na necessidade ligada ao uso da língua.<sup>12</sup>

6 HOERMANN, p. 1.

7 HOERMANN, p. 1.

8 HOERMANN, p. 2.

9 HOERMANN, p. 5.

10 HOERMANN, p. 5.

11 HOERMANN, p. 5.

12 OSGOOD, C.E. & SEBEOK, T.A. *Psycholinguistics: a survey of theory and research problems*. Westport, Greenwood, 1976. p. ix.

Dentro das limitações perceptivas e conceptivas a expressão humana é um dimensionamento de seu intelecto, fato minuciosamente explorado por Humboldt. O homem tem capacidade de expressar seu desejo, uma ação planejada, uma experiência lembrada, o que o diferencia do animal não falante que permanece quase completamente na prisão da ação e reação e somente faz movimentos preliminares expandindo-se com a ajuda de seu uso primitivo de sinais.<sup>13</sup>

Ao homem, a língua possibilita a representação explícita; a ele, e só a ele, é dado o poder de valer-se do conhecimento de acordo com a vontade.

## 2 A língua — um instrumento da comunicação

A necessidade é o pai do pensamento.

A necessidade é o pai da fala.<sup>14</sup>

Como a vida humana é caracterizada pelo fato existencial que o mundo, em sentido amplo, é representado por outras pessoas, o desnível — **imbalance** — entre elas gera a língua.<sup>15</sup>

Se observarmos o organismo animal, verificamos que ele vive em um mundo fechado e não procura transcender as muralhas deste seu mundo fechado. Seu campo de ação se restringe à ação e percepção dentro dos hemisférios da **Wirkwelt e Merkwelt**,<sup>16</sup> em que a espontaneidade e o espaço vital se encontram em perfeita harmonia. Basta observar as colmeias das abelhas e os ninhos dos pássaros.

O Eu humano parece iniciar sua ação e percepção em um mundo fechado, também em harmonia perfeita entre a espontaneidade e o espaço vital. Cedo, no entanto, ele desabrocha e transcende as muralhas desse mundo fechado. O ser humano se conscientiza do mundo ao seu redor, representa, dá vasão às suas dinâmicas psicológicas, ao seu potencial subjacente de comunicar-se.

Esse potencial se manifesta através do comportamento da fala, estabelecendo o relacionamento entre o estímulo e a resposta. É a pessoa que fala e a pessoa que ouve. A fala

13 OSGOOD & SEBEOK. p. 10.

14 HOERMANN. p. 271.

15 HOERMANN. p. 49.

16 HOERMANN. p. 3.

produzida por "A" espera uma reação em "B". "A" se comunica com "B". "A" envia uma mensagem a "B". É o conhecido processo da fórmula behaviorista S — R, que pode ser verbalizada da seguinte forma:

Paulo -S-: "Aceita uma laranja?" João -R-: "Obrigado."  
Vê uma laranja Come-a

Como demonstram os exemplos supra, a comunicação se pode realizar com, ou sem palavras.

Esta fórmula física, observável, é, no entanto, simples demais para suficientemente explicar a complexa configuração do cérebro de um organismo humano. Uma análise mais profunda da moldura S — R considera as variáveis intervinientes.

Um relacionamento, empiricamente descoberto, entre uma dada resposta R a um estímulo S, pode, às vezes, ser explicado somente se nós considerarmos os elos lingüísticos como elementos intervenientes. Osgood fez sua objeção ao paradigma S — R pelo fato de o mesmo não considerar o significado, isto é, a semântica. Ele nos apresenta um substitutivo, o modelo: S — r — s — R com os estímulos e respostas intervenientes entre os observáveis S — R. A resposta “r” e o estímulo “s” intervêm na comunicação. Isso significa que a simples seqüência S — R encontrou um obstáculo que pode ser exemplificado da seguinte maneira: A laranja se encontra no alto de uma laranjeira, alta demais para João alcançá-la. Ocorre, então, uma mudança na seqüência do comportamento:

Paulo vê a laranja (S); diz alguma coisa (r) que causa João (s) apanhar a laranja e dá-la a Paulo (R) que resulta na fórmula: 'S — r ... s — R'. Para Paulo a ação direta (R) é substituída por uma ação verbal (r); para João, um estímulo direto (S) é substituído por um estímulo verbal (s). São as substituições de estímulos e respostas de Thorndike e Pavlov,<sup>17</sup> baseadas na descrição puramente física.

Já no campo da psicologia da percepção, Hans Hormann pergunta: Constituem as ondas da luz o "verdadeiro" estí-

17 HOERMANN, P. 267.

mulo, ou é, o estímulo, uma descarga sobre o receptor? É, o estímulo, o copo de água diante de nós, ou o objeto da sede?<sup>18</sup>

Somos, portanto, levados a considerar dois aspectos de estímulo: o físico e o semântico, que, por sua vez, encontram como corolário as características semelhantes na resposta.

A mensagem é, no sistema da comunicação, o elo que liga o emissor ao receptor.

Como o estímulo e a resposta, a mensagem pode, também, apresentar suas variáveis: Quando o indivíduo A se comunica com o indivíduo B, suas posturas, gestos, expressões faciais e mesmo manifestações de objetos por exemplo, colocando na mesa uma carta — podem todos fazer parte da mensagem como são as ocorrências no canal de ondas sonoras.<sup>19</sup>

Nem todos os elementos de comportamento de A, no entanto, atingem B e, consequentemente, não podem ser considerados elementos integrantes da mensagem. Teleologicamente falando, a língua é particularmente poderosa como um meio de comunicação,<sup>20</sup> e abrange o que o homem pensa ou sente, decide e alcança, porém, apenas dentro do mundo que ele mesmo tem condições de emoldurar.

### 3 A língua — um fenômeno social

A reação verbal liga duas pessoas uma à outra por meio da fala o que constitui um evento interpessoal, um processo que envolve o falante e o ouvinte — *speaker and listener* — dentro do âmbito social.

Não nos referimos aqui ao processo da lingüística pura, mas ao que Carroll define como um sistema estruturado de sons vocálicos arbitrários e seqüência de sons que é usado, ou pode ser usado, em comunicação interpessoal por uma agregação de seres humanos, e que exaustivamente classifica as coisas, eventos e processos em ambiente humano.<sup>21</sup>

O ser humano, o falante, formula uma intenção, seleciona de seu repertório, codifica a mensagem e emite-a. No pólo

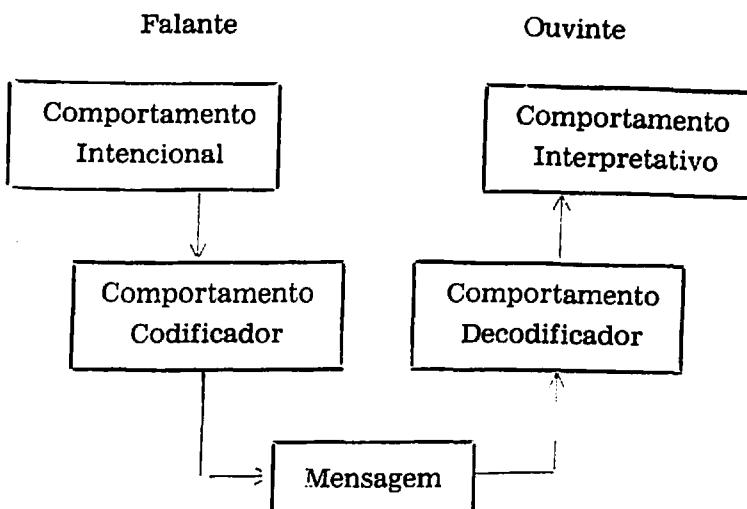
<sup>18</sup> HOERMANN, p. 6.

<sup>19</sup> OSGOOD & SEBEOK, p. 2.

<sup>20</sup> HOERMANN, p. 6.

<sup>21</sup> HOERMANN, p. 15.

Oposto, o ouvinte decodifica a mensagem e interpreta-a, o que pode ser ilustrado da seguinte forma:



Na interpretação de Osgood, o processo de codificar e decodificar relatam estados de mensagens para estados de comunicação.<sup>22</sup> A metalinguística se preocupa com as relações entre as características de mensagens e as características de indivíduos que as produzem e recebem, inclusive seu comportamento e sua cultura.<sup>23</sup> Essa comunicação entre o falante e ouvinte pode receber o caráter de informação que se fundamenta no princípio de desnível — *imbalance* — entre as pessoas. Isso significa que aquele que sabe mais informa aquele que sabe menos. Essa necessidade de informar, de comunicar, causada pelo desnível entre as pessoas gera a língua, nas palavras de Hörmann.<sup>24</sup>

O conceito de informação tem “a função de descrever exatamente o que é que deve ser transmitido para que possa ser removido a dúvida” Então, para que a transmissão de informação possa ser levada a efeito, é preciso lembrar que a idéia da transmissão de informação está baseada na polaridade entre o transmissor e o receptor.

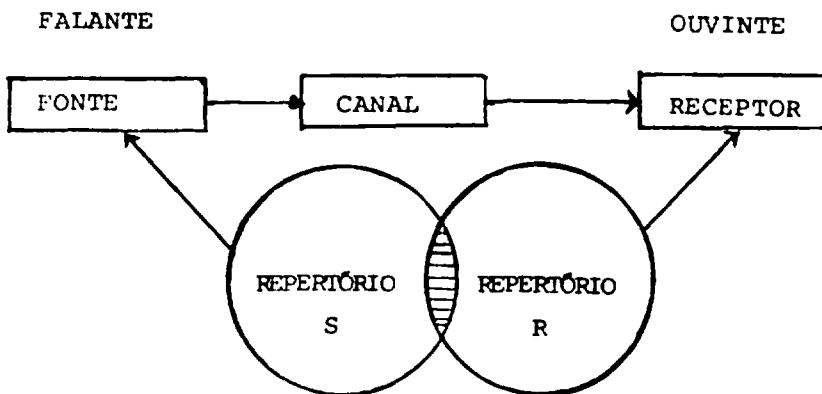
22 OSGOOD & SEBEOK, p. 4.

23 OSGOOD & SEBEOK, p. 3.

24 HOERMANN, p. 50.

O matemático Shannon, iniciador da teoria da informação, procurou, quando receptor e selecionador de mensagens, entender a utilidade de um sistema transmissor montando o modelo de entrada do microfone e a saída no alto falante baseado no princípio da comunicação entre o falante e o ouvinte, o transmissor e o receptor. Esse fenômeno é básico para entendermos a teoria da informação. O modelo construído sobre essa base pressupõe a seleção de uma mensagem a ser transmitida de um número de mensagens disponíveis dentro de um repertório. O problema é simples quando o transmissor e o receptor comungam o mesmo repertório.

Pode acontecer, no entanto, que o transmissor e o receptor não comunguem o mesmo repertório, então a comunicação se faz na proporção em que os dois repertórios se sobrepõem o que Hans Hormann ilustra da seguinte forma:<sup>25</sup>



Podemos dizer, em outras palavras, que aquilo que é transmitido são os sinais, as instruções para uma ação a ser executada pelo receptor, que podem ser compreendidos, às vezes, apenas parcialmente.

Esse fenômeno social é de suma importância pedagógica, uma vez que implica na psicologia da comunicação de uma comunidade, por exemplo, professor e alunos, ou de uma comunidade para outra.

<sup>25</sup> HOERMANN, p. 52.

#### 4 A língua — o status lingüístico social

A população de uma variedade lingüística forma uma comunidade. Essa comunidade se comunica por meio de sua variedade lingüística diferenciada, pois mesmo pequenas sociedades revelam funcionalmente repertórios lingüísticos diferenciados baseados nas redes de interação diferenciada comportamentalmente.<sup>26</sup>

Isso significa que reconhecemos a comunidade de repertório lingüístico diferenciado pelo ato de falar. Esse ato de falar pode ser expresso por um chiste, uma interjeição, uma pergunta, uma conversa.

O ato de falar lingüisticamente diferenciado, no entanto, não se manifesta idênticamente em todo o universo da comunidade. É mais acentuado em uns do que em outros. O motivo dessa diferenciação pode ser atribuído à formação do repertório lingüístico que varia de acordo com a necessidade do uso da língua. Essa diferenciação prende-se ao papel de desempenho dos indivíduos dentro da comunidade e está, normalmente, ligado aos direitos e deveres atribuídos aos membros do mesmo sistema sociocultural.

Se observarmos, por exemplo, a criança, verificamos que seu comportamento lingüístico para com os pais se diferencia daquele adotado com seus irmãos. O aluno demonstra um comportamento lingüístico com seu professor que se diferencia daquele com seus colegas. É a maneira como os indivíduos interagem.

Os dois tipos de interação se distinguem pelo fato de a interação pessoal ser mais informal, mais variada, e a interação transável acentuar os direitos e deveres mútuos, o relacionamento da função, da posição particular.

De acordo com Fishmann não há interação verbal, socialmente sem dificuldade, nem escala ampla de relacionamento entre língua e sociedade que não dependa da interação individual para a sua realização.<sup>27</sup>

De outro lado, uma variedade lingüística representa, basicamente, a fala de origem geográfica divergente e é conhecida, em termos objetivos, de dialeto. Pode, no entanto, cons-

26 FISHMAN, J.A. *Socialinguistics*. Rowley, Newbury House. 1975. p. 29.

27 FISHMAN. p. 56.

ituir um status lingüístico particular, sem diferenciações lingüísticas profundas. Por exemplo, emigrantes de uma região A podem formar uma massa populacional pobre, analfabeta, ou semi-analfabeta, e se radicar em uma zona geográfica B, de cultura superior.

A variedade lingüística da população da zona geográfica A, interagindo com a população da zona geográfica B, sofre, então, o fenômeno da aculturação. O status social e ocupacional mudou com a transferência da zona geográfica, com a interação da população A com a população B. A variedade lingüística diferencial reflete essa mudança e revela, então, seu status lingüístico social.

Pode ocorrer ainda que a falta de acesso profissional segregue a comunidade a ponto de a variedade regional se constituir uma variedade social.

## Conclusão

Para concluir, estas poucas linhas nada mais pretendem do que suscitar uma reflexão sobre o fenômeno psico-social da língua: o mistério de o ser humano, e só ele, ser dotado do instrumento da fala sobre o qual ele, já muito cedo, dispõe para não só comunicar-se com seu semelhante, mas usar sua mensagem como força propulsora de gerar conflitos ou mediar a paz, de informar para construir ou destruir, de interagir para descobrir lideranças que tenham poder de arrastar toda uma humanidade para o caos, ou erguer para a glória.

A reflexão mais profunda, no entanto, merece o Ser, a verdadeira força progenitora desse mistério propulsor que dotou o homem desse potencial lingüístico e, ao mesmo tempo, implantou, no mesmo homem, uma consciência à Sua imagem e semelhança, livre de usar seu potencial lingüístico para uma ação egoística que o leva a sucumbir como vítima, ou benéfica, construída sobre as raízes do amor que gera a paz é a harmonia entre os homens, mistério esse que nenhuma mente humana ainda conseguiu penetrar integralmente.

## REFERÉNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 FALK, Julia S. *Linguistics and Languages*. Waltham, Mass., Xerox College, 1973. 315 p.
- 2 FISHMAN, J.A. *Sociolinguistics*. Rowley, Newbury House, 1975, 126 p.
- 3 GREENE, Judith. *Psycholinguistics*. Harmondsworth, Penguin, 1974. 208 p.
- 4 HALLIDAY, M.A.K. et al. *The Linguistic Sciences and Language Teaching*. London, Longman, Green, 1965. 322 p.
- 5 HOERMANN, Hans. *Psycholinguistics*. New York, Springer, 1971. 377 p.
- 6 OSGOOD, C.E. & SEBEOK, T.A. *Psycholinguistics: a survey of theory and research problems*. Westport, Greenwood, 1976. 307 p.
- 7 SLOBIN, Don I. *Psycholinguistics*. Glenview, Scott, Foresman, 1971. 148 p.
- 8 WILSON, N.L. *The Concept of Language*. Toronto, University of Toronto Press, 1963. 153 p.